

Abílio Diniz garante que a negociação vai bem

A renegociação de parte da dívida externa brasileira em condições mais favoráveis está caminhando bem e a possibilidade de que seja concluída logo é grande.

A informação é do empresário e membro do Conselho Monetário Nacional, Abílio Diniz, que se reportou a contatos mantidos ontem com banqueiros norte-americanos.

O advisory committee (comitê assessor) para a dívida externa brasileira, constituído por 14 entre os principais bancos do mundo reuniu-se ontem, em Washington, com cerca de 60 instituições estrangeiras, para comunicar a nova posição em relação ao Brasil. "A reunião — esclareceu Diniz — foi para comunicar e não para perguntar. Pode ser que alguém não aceite, mas o novo pacote está sendo montado."

O superintendente do grupo Pão-de-Açúcar considerou a nova renegociação "um passo à frente", explicando: "É um precedente em relação ao Brasil. Vamos ver se agora a turma embala".

O ponto mais importante, segundo Diniz, é a redução dos spreads e de uma comissão adicional, chamada flat fee commission, respectivamente, de 2,5% para 1,875 a 2% e de 1,5% para 1%. "Acho isto muito importante. Rola-se a dívida mexendo na taxa de juros."

A nova negociação envolve um valor de US\$ 12 bilhões aproximadamente, dos quais US\$ 6,5 bilhões de recursos novos que serão desembolsados pelos bancos privados por conta do recente acordo em princípio liderado pelo FMI. Os outros US\$ 5,5 bilhões representam o valor das amortizações da dívida para 1984.

— Alguns bancos — relata Diniz — estavam dispostos a chegar até 12 ou 15 anos de prazo nos empréstimos ao Brasil, mas esbarraram num detalhe técnico — o de que não poderiam compensar, nos Estados Unidos, o Imposto de Renda retido no Brasil relativo aos juros. Nos EUA, há isenção do IR para os empréstimos com prazo superior a dez anos, o que limitou os prazos a nove anos.

O prazo de carência do montante em fase de renegociação também está sendo estendido de três para cinco anos, o que reduz a pressão dos serviços da dívida sobre cerca de 12% da dívida externa global.

O superintendente do Pão de Açúcar recorda que "tudo está amarrado ao acordo com o FMI", e que o Brasil "precisa muito mais prazo, mas já se começa a fazer algo a médio e longo prazos".

— Acho que começamos a negociar numa linha melhor. Estamos enxergando algo mais do que os próprios pés. Não se deve falar em euforia, mas a situação é melhor. Todos os bancos que formam o advisory committee já concordaram com os novos termos — conclui Diniz.

"No more business with Brazil"

A situação de desprestígio do Brasil com os banqueiros internacionais chegou a tal ponto, nos últimos meses, que prejudicou alguns dos negócios em vias de conclusão pela Embraer para a venda de aviões ao Exterior, conforme relato do presidente da empresa, coronel Osiris Silva. Ele contou ontem aos jornalistas, no Palácio do Planalto, que em vias de fechar um negócio vultoso, na hora do financiamento o presidente de um grande banco internacional, cujo nome preferiu não revelar, disse-lhe somente: "No more business with Brazil" (não fazemos mais negócios com o Brasil).

Na opinião de Osires Silva, a situação agora está melhorando, depois de praticamente acertado o acordo com o FMI, e as portas dos financiadores internacionais começam a se abrir. Até alguns meses atrás, porém, acrescentou, às vezes para fechar negócios ele não chegava nem ao presidente do banco, sendo barradas as pretensões, devido à situação de insolvência do Brasil, ainda nos escalões intermediários de negociações.

A Embraer deverá cumprir sua meta de exportação para esse ano, de US\$ 100 milhões, e aumentá-la em 15% em 1984, mas dependendo da performance da economia brasileira.